

Programa de Formação Permanente

2015 Interioridade agostiniana

1. interioridade,
home contemporâneo
e pensamento fraco





IMPORTÂNCIA DA INTERIORIDADE PARA O HOMEM CONTEMPORÂNEO. PERSPECTIVAS A PARTIR DO PENSAMENTO FRACO

1. A MUDANÇA CONTÍNUA E A ENCARNAÇÃO DO HOJE

Assistimos a uma contínua mudança em muitas das dimensões de nossa vida: política, social, econômica, cultural, religiosa, eclesial e, por certo, pessoal. Para sermos conscientes disso, é bom lançar mão da história e comprovar como, desde as suas origens, o desenvolvimento humano tem levado consigo uma série de ciclos que se tem repetido, não no sentido de um absurdo eterno retorno, mas mantendo elementos comuns: avanços, retrocessos, conflitos, paz, desenvolvimento, destruição, tecnologia, barbárie, acertos, erros etc., e poderiam ser a tônica da nossa história, a qual somos também nós chamados a encarnar hoje, buscando o nosso particular *Sitz im Leben*¹.

¹ Na crítica bíblica, *Sitz im Leben* é uma expressão alemã que pode traduzir-se aproximadamente como “posição na vida”. Em outras palavras: não há texto sem contexto.

Hoje, entre a globalização, que mais parece uma caricatura tosca daquele “espírito de rebanho” que Nietzsche delinear², e a metástase reprodutiva de singularidades enlouquecidas, o panorama geral poderia mostrar-se um pouco desolador.

Hoje, o jardim do pensamento tornou-se selvático³. A vegetação frondosa e desordenada devorou-lhe os caminhos. Parece um terreno intransitável.

Hoje, o pensamento líquido, a pessoa líquida, a sociedade líquida, fazem com que a instabilidade, em muitos níveis, seja o denominador comum⁴.

Hoje, o teresiano jardim interior da alma encontra-se em estado de abandono⁵. Assistimos a múltiplas tentativas de reforma educativa segundo as quais se deixam, já desde as primeiras séries, maravilhosos jardins sem cultivar, e os poucos frutos que podem cultivar-se e crescer mais parecem silvestres.

O pensamento atual alheia-se num caos de informações por joeirar, toneladas de livros, *terabytes* de arquivos de diverso valor, o renascimento da escolástica em discussões intermináveis, esgrimas ociosas de argumentos, proliferação de escolas, seitas, correntes, que não oferecem um caminho claro.

Ante esse panorama, uma iluminadora saída consiste em fazer uma leitura da história passada a partir do hoje, acudindo aos clássicos, que, de certo modo, viveram circunstâncias similares às que estamos vivendo na atualidade, refletiram sobre isso e ofereceram suas soluções⁶. Quem não percebe hoje uma nova corrente de sofistas? Os clássicos, incansáveis buscadores da verdade em si – e não de uma

² Cf. M. N. Lapoujade, “Después de la posmodernidad”: *Revista de Filosofía de la Universidad de Costa Rica* 102 (2002) 27-40

(<http://inif.ucr.ac.cr/recursos/docs/Revista%20de%20Filosof%C3%ADa%20UCR/Vol.%20XL/No.%20102/Despu%C3%A9s%20de%20la%20posmodernidad.pdf>).

³ Evoco o manuscrito bizantino do século XIII, editado por M. H. Thomson, *El jardín simbólico*, J. J. de Olañeta, Barcelona 1998

(<http://interclassica.um.es/var/plain/storage/original/application/c727b4e101b3737cefbe023e10526609.pdf>).

⁴ Cf. Z. Bauman, *Los retos de la educación en la modernidad líquida*, Gedisa, Barcelona 2007.

⁵ Aludo a Santa Teresa de Jesus, *Obras completas*, I, Ed. Monte Carmelo, Burgos 1990. Entre outras muitas passagens referidas a essa metáfora, cf. *Vida*, 6, pp. 98ss.; 14, pp. 136ss., onde lemos: “Era-me grande deleite considerar ser minh’alma um jardim e o Senhor, que passeava nele... Tempos vêm à alma em que não há memória desse jardim: tudo parece estar seco e que não há de haver água para sustentá-lo, nem parece que houve jamais na alma alguma coisa de virtude. Passa-se muito trabalho, porque quer o Senhor que ao pobre jardineiro lhe pareça que tudo o que empregou em sustentá-lo e regá-lo perdeu-se. Então, é o verdadeiro carpir e o eliminar pela raiz as ervinhas – por pequenas que sejam – que se fizeram más. Não há diligência que baste com o conhecê-lo, se a água da graça Deus não tira, e com ter em pouco o nosso nada, e ainda menos que nada, ganha-se aqui muita humildade: tornam de novo a crescer as flores”.

⁶ Cf. A. Carrón de la Torre, *Diaphanidad de la persona y transparencia del corazón. María Zambrano y San Agustín*, Editorial Académica Española, Granada 2012, 392 pp. Na obra, constata-se a relação entre as circunstâncias vividas por Santo Agostinho, no século V, e as de María Zambrano, nos inícios do século XX, pondo-se em relação ambos os contextos, as problemáticas e as soluções de cada autor.

verdade para mim, à minha imagem e semelhança – e tendo como objetivo final da ética a felicidade do ser humano – e não a ambição nem o utilitarismo – não poderiam oferecer-nos luz?

Na atualidade, gastam-se rios de tinta para demonstrar que “a filosofia está em crise” (e, além disso, começa-se a desterrá-la dos programas educativos). Nesse contexto, enquadra-se a assim chamada “crise da filosofia moderna” ou “crise da modernidade”. E pretende-se varrer a modernidade, entendida como filosofia anacrônica, com a chamada pós-modernidade, que tampouco nos trouxe soluções convincentes.

Essa espécie de enfermidade filosófica consiste em que as teorias buscam o triunfo reivindicando-se (seja como encarnação da novidade, seja como a clara defesa das diferenças absolutas), e cura-se com uma boa dose de filosofia milenar, que bem poderia evocar-se condensada num provérbio: “Tornar sobre as coisas antigas e delas aprender novas”⁷. Não é o momento de detrair os humanismos, como antigualhas fora de moda, muito pelo contrário: chegou a hora extrema de revitalizar seus sentidos, de tirar o novo do velho. Não é isso, precisamente, o que se pretende com a revitalização na Igreja e na Ordem?

“Beleza tão antiga e tão nova!” (*conf.* X, 27, 38) – recorda Santo Agostinho. Em Jesus Cristo, em seu Evangelho, na missão que nos encomendou como Igreja, nós encontramos todas essas *coisas antigas* das quais devemos aprender *coisas novas*.

No meio de todo esse panorama de perguntas e respostas, continua vigente, e cada vez mais, a necessidade da interioridade para o homem. Como estamos tentando buscar esse homem interior?



Hoje, o pensamento líquido, a pessoa líquida, a sociedade líquida, fazem com que a instabilidade, em muitos níveis, seja o denominador comum.

⁷ R. Darrobers, *Proverbes chinois*, Éditions du Seuil, Paris 1996, 148, citado por M. N. Lapoujade, “Después... 28.

2. PERSPECTIVAS A PARTIR DO PENSAMENTO FRACO

Vivemos numa época em que os grandes relatos passam a um segundo plano; as grandes tradições se esquecem; o ecletismo, as religiões *à la carte*, tomam a dianteira ante a pergunta pelo sentido, ante a necessidade de espiritualidade, de interioridade plena devido ao vazio que surge no homem quando este se encontra, cara a cara, com sua pequenez, com sua finitude, com sua inconsistência.

O pensamento fraco é um conceito cunhado por Gianni Vattimo, relacionado com o movimento intelectual mais genérico da pós-modernidade, muito influente nas décadas de oitenta e noventa. Sua perspectiva é, de certo modo, relativista, e valoriza, sobretudo, a multiculturalidade.

O pensamento fraco partilha algumas características com a desconstrução (Jacques Derrida), na medida em que a liberdade de interpretação não se sujeita a uma lógica muito fechada. Também se encontra na crise da ideologia, de finais do século XX, considerando-se, em algumas ocasiões, como elemento intelectual do ecletismo político, chamado de terceira via (Anthony Giddens).

Para Vattimo, entramos na pós-modernidade, uma espécie de ‘babel informativa’, em que a comunicação e os meios adquirem um caráter central. A pós-modernidade marca a superação da modernidade dirigida pelas concepções unívocas dos modelos fechados, das grandes verdades, de fundamentos consistentes, da história como rastro unitário do acontecer.

A pós-modernidade abre o caminho, segundo Vattimo, para a tolerância e para a diversidade, na passagem do ‘pensamento forte’, metafísico, das cosmovisões filosóficas bem perfiladas, das crenças verdadeiras, ao ‘pensamento fraco’, a uma modalidade de ‘niilismo fraco’, a um ‘passar’ despreocupado e, por conseguinte, afastado da acritude existencial.

Para Vattimo, as ideias da pós-modernidade e do pensamento fraco estão estreitamente relacionadas com o desenvolvimento do cenário multimídia, com a tomada de posição midiática no novo esquema de valores e de relações.

De acordo com o próprio Vattimo, o pensamento fraco se definiria nos seguintes termos:

- frente a uma lógica férrea e unívoca, a necessidade de dar livre curso à interpretação;
- frente a uma política monolítica e vertical do partido, a necessidade de apoiar os movimentos sociais transversais;
- frente à soberba da vanguarda artística, a recuperação de uma arte popular e plural;
- frente a uma Europa etnocêntrica, uma visão mundial das culturas.

A teoria de Vattimo ver-se-ia bem endossada por aquilo que poderíamos denominar o cumprimento da “profecia orwelliana”. Retratada inicialmente em *A revolução dos bichos* e, posteriormente, em *1984*, George Orwell fala de uma manipulação mental em massa. Manipulação, diga-se de passagem, sobre a qual nós nos teríamos que perguntar, para verificar se dita força manipuladora salpicou a vida religiosa, ao mesmo tempo em que seria bom revisarmos em que medida o pensamento fraco terá também entrado nela.

Ora, nem Vattimo nem Orwell oferecem-nos soluções, constituindo-se, novamente, em narradores do acontecer.

Todo isso, não obstante, reabre a questão do tão tratado e reivindicado conceito de pessoa. Desde a definição boeciana, passando pelo ser pessoa para outros, chegamos ao conceito de pessoa como “perfil digital”. Em muitos dos âmbitos de nossa sociedade atual não se é pessoa se não se marca presença na internet, se não se dá uma evidência de atividade nas redes sociais. E não paremos por aí: a maneira de relacionar-se da pessoa é o que mais muda. Quantas vezes teremos topado com grupos de amigos que, sentados ao redor de uma mesma mesa, interagem com seus dispositivos móveis sem intercambiar palavra alguma! Revisemos quantos de nossos hábitos cotidianos viram-se modificados pelo uso do WhatsApp, do Facebook, do Twitter etc.

E isso é mau? Não caberia demonizar o uso desses meios e sim, antes, educar os usuários para o bom uso deles, para que fiquem nisso, sejam meios, e não se convertam num fim em si mesmo. Ora, pois, revela-se séria e fundamental a seguinte pergunta: que incidência esses meios e o novo caráter de “pessoa-perfil digital” têm na vida religiosa? Como se vêm configurando as relações comunitárias a partir desse novo conceito de pessoa e de presença no mundo? Veem-se nisso possibilidades ou ameaças?

3. INCIDÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE NAS NOVAS GERAÇÕES

Aprofundando-nos um pouco mais nos estudos sociológicos, vemos que grande parte deles insiste na constatação já realizada: a “mudança” e a necessidade de “adaptação” ao novo converteu-se em paradigma do nosso tempo. A cada dia, apresenta-se de maneira mais clara o desafio de adaptar-nos para continuarmos sendo capazes de dialogar com o mundo. De outra forma, ficaríamos descontextualizados, encerrados numa estrutura pouco significativa para os nossos contemporâneos.

Conforme os estudos sociológicos, podemos ver a seguinte sucessão no revezamento de gerações durante as últimas décadas⁸:

Denominação	Data de nascimento	Idade em 2012
<i>Geração tradicional</i>	Até 1950	Maiores de 62 anos
<i>Geração Baby Boom</i>	1951-1964	Entre 61 e 48
<i>Geração X</i>	1965-1983	Entre 47 e 29
<i>Geração Y</i>	1984-1995	Entre 28 e 17
<i>Geração Z</i>	1996-2004	Entre 16 e 8

À guisa de resumo, o seguinte quadro reflete as características fundamentais de cada uma dessas gerações:

CARACTERÍSTICAS	TRADICIONAL	BABY BOOM	GERAÇÃO X	GERAÇÃO Y	GERAÇÃO Z
<i>Perspectiva</i>	Prática	Otimista	Cética	Esperançada	Individual
<i>Ética profissional</i>	Dedicados	Debruçados	Equilibrados	Decididos	Dependentes
<i>Ante a autoridade...</i>	Respeito	Amor/ódio	Desinteresse	Cortesia	Indiferença
<i>Liderança por...</i>	Hierarquia	Consenso	Competência	Coletivismo	Novidade
<i>Espírito de...</i>	Sacrifício	Automotivação	Anticompromisso	Inclusão	Consumo

Levando em conta esses pressupostos, se quisermos chegar hoje aos nossos interlocutores, não podemos perder a perspectiva pedagógica agostiniana: a atitude de simplicidade do mestre e a solicitude pelo aluno, que o leva inclusive a sintonizar com seu mundo espiritual, fazendo-se criança com as crianças, com uma ingenuidade que lhe permite um encontro pessoal com eles na comum

⁸ Para este subtítulo, baseamo-nos em A. Carrón de la Torre, “La persona que el agustino recoleto está llamado a ser”: *Recollectio* 36 (2013) 207ss.

admiração das coisas, como se estas fossem novas também para ele. Isso traz consigo o entusiasmo sempre renovado do mestre e a superação de qualquer enfado⁹.

Porventura não costuma acontecer que, quando mostramos a quem nunca os vira, certos lugares belos e amenos, das cidades ou dos campos, que nós, por tê-los visto já com frequência, deixávamos passar sem interesse algum, o nosso deleite se renova ante o seu deleite pela novidade? E isso tanto mais quanto mais amigos eles são, pois, pelo vínculo do amor, quanto mais vivemos neles, tanto mais novas se fazem, também para nós, as coisas que foram velhas (*cat. rud.* 12, 17).

Essas agudas observações de Santo Agostinho desembocam na reciprocidade educativa, uma vez que o aluno ajuda o mestre a redescobrir a verdade, já por ele conhecida, seguramente com algum novo matiz. Reciprocidade que, por outro lado, vem resolver a dialética da relação entre mestre e aluno. Ambos aprendem juntos em sintonia e, ao mesmo tempo, cada um por si mesmo.

Como, pois, estabelecer um diálogo com uma geração que se define como individualista, indiferente, consumista...? Agostinho propõe-nos, também nisso, chaves certas. O tratado *De vera religione* compendia com precisão e profundidade os passos no caminho para alcançar a *beatitudo*. Nessa prática, ele educa os seus interlocutores já desde os primeiros *Diálogos*. Condu-los do exterior ao interior, e do interior à transcendência. Tal esquema será o que vai dirigir a composição de suas obras de maturidade, como as *Confissões* ou a *Cidade de Deus*¹⁰. Em suma, é no interior do homem que habita a Verdade, e é nosso labor fazer com que os nossos contemporâneos descubram essa riqueza que os define como pessoas: a interioridade.

As jovens gerações, muitas vezes desorientadas, guiadas pelo relativismo, buscadores de respostas, acham-se desejosas de descobrir-se. A pessoa será verdadeiramente humana quando possuir, dentro de si, certo conhecimento de si mesma, certa ordem que lhe permita posicionar-se ante o que acontece com uma atitude que a leve a coligar o íntimo de dita realidade externa a si, com o fim de buscar e encontrar a verdade certa na realidade. Dessa maneira, o modo de proceder que estabelece a partir da relação com a vida, através dos demais, e com as coisas é uma forma de transcender-se.

Para todo isso, podem ajudar atitudes como o silêncio (interior e exterior); o facilitar momentos para compartilhar inquietudes; o expor, não impor, de modo razoável os diversos posicionamentos; o acompanhar, servir de guia, no descobrimento da própria verdade; o fomentar as comunidades de aprendizagem onde aprendizagem e ensino sejam objetivo comum etc.

⁹ Cf. G. Howie, *Educational Theory and Practice in St. Augustine*, Londres 1969, 183-207, 150-158, citado en A. Carrón de la Torre, *Diafanidad...* 337.

¹⁰ Cf. A. Carrón de la Torre, *Diafanidad...* 134.

4. A RESILIÊNCIA NA VIDA RELIGIOSA TORNA NECESSÁRIA A INTERIORIDADE

Conscientes das dificuldades que se nos apresentam no diálogo com as novas gerações e de que a perspectiva do pensamento fraco, no âmbito da pós-modernidade, não nos oferece interessantes alternativas, damos mais um salto propondo-nos a questão da necessária interioridade a partir de um dos termos que mais se têm repetido ultimamente, referido a diversos âmbitos: a resiliência. Trata-se da capacidade de uma pessoa ou de um grupo seguir em seu processo de formação humana, apesar das dificuldades e traumas, às vezes graves, que na vida se apresentam¹¹. Esse conceito, aplicado ao contexto da vida religiosa, entronca com uma ideia proposta anteriormente: a necessidade de uma revitalização, partindo do antigo, e de um aprofundamento na interioridade da pessoa.

O adjetivo “resiliente” toma-se do inglês: *resilient*. Resiliência (em francês: *resilience*) é termo empregado em Metalurgia e em Engenharia civil para descrever a capacidade de alguns materiais recuperarem sua forma original depois de submetidos a uma deformação elástica. A resiliência acha-se, ainda, entre os conceitos de uma corrente de Psicologia positiva e dinâmica de fomento da saúde mental. Defende, conforme o testemunho de muitíssimas pessoas, que se pode superar uma situação traumática e continuar o desenvolvimento da vida inclusive num nível superior, como se o trauma vivido e assumido tivesse desenvolvido recursos potenciais e surpreendentes. Muitos homens saem renovados e enriquecidos daquelas circunstâncias adversas.

Hoje em dia, e especialmente na vida religiosa, sabe-se como algo primário a necessidade de fortalecer as pessoas interiormente para que resistam às dificuldades desse mundo tão difícil, tão globalizado, complexo e problemático. Fortalecê-las é informá-las, formá-las, favorecer as vivências de cada etapa vital, sem apressar seus tempos e conhecendo seus potenciais e suas características espirituais.

Para fortalecer e superar as adversidades na vida religiosa, requer-se desenvolver uma boa autoimagem; conhecer as próprias fortalezas e debilidades; tomar os erros como lições e não como fracassos; ser criativos, flexíveis, proativos; ter boas relações emocionais; ensinar a pedir ajuda quando necessário; refletir antes de agir; dominar o autocontrole; ver a vida com otimismo e com senso de humor.

Na vida religiosa, como em qualquer grupo humano, é de vital importância desenvolver essa capacidade de enfrentar-se às dificuldades, para crescer e

¹¹ Cf. T. Chamaya, “Resiliencia en la vida religiosa”: http://cppsperu.pe/cpps_esp_tem9.html.

amadurecer como pessoas. Para isso, é necessário manter relações afetuosas, onde se faça presente o amor, a sensibilidade, a compreensão, o respeito e o interesse que se incorporam através do exemplo, nos gestos e não só nas palavras, de tal maneira que estes cheguem a alicerçar um senso de confiança na vida comunitária. A esse respeito, é primordial identificar as fortalezas e vantagens mais que detectar os problemas e defeitos.

Falar da resiliência na vida religiosa leva-nos a perguntar-nos pelo desenvolvimento da autonomia do religioso (especialmente nas etapas de formação e nos primeiros destinos). E existem, por outro lado, muitas dificuldades em nível pessoal, discussões, enfrentamentos, perda do sentido da vida e da vocação, relações pessoais não adequadas, falta de disposição etc.

É preciso, todavia, superar essas dificuldades para delas sair com dignidade e assumir a vida com equilíbrio. Por isso, a resiliência apresenta-se como capacidade de o ser humano afrontar as adversidades da vida, superá-las e, inclusive, ser transformado por elas¹².

Não esqueçamos que a resiliência se sustenta na interação entre pessoa e entorno. É por isso que os religiosos, ao viverem num entorno em que se inter-relacionam com outras pessoas, devem saber ou aprender a estabelecer limites entre suas próprias pessoas e o meio com problemas; manter distância emocional e física sem cair no isolamento; bem como desenvolver a capacidade de estabelecer laços e intimidade com outras pessoas, para equilibrar a própria necessidade de afeto com a atitude de brindar-se aos demais.

A resiliência é, portanto, um processo que pode ajudar muito os religiosos na formação de sua vida. Promover a resiliência é reconhecer a fortaleza para além da debilidade. Isso ajuda a melhorar em qualidade de vida a partir dos próprios significados com os quais eles percebem o mundo e se enfrentam com ele.

De um ponto de vista prático, como potencializar a interioridade a partir da resiliência? Sirvam as seguintes chaves:

- Descobrir em cada irmão ou irmã os aspectos positivos e confiar em sua capacidade de ser melhor do que atualmente é.
- Ser capaz de pôr-se em seu lugar.
- Combater a humilhação, a desvalorização, porque afetam negativamente a imagem e a confiança da pessoa.
- Pregar com o exemplo, adotando atitudes de respeito, solidariedade e compreensão.

¹² Cf. E. H. Grotberg, *Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas*, Paidós, Buenos Aires 2004.

- Levar em conta as necessidades, dificuldades e expectativas de cada irmão(ã).
- Estimular o desenvolvimento da capacidade de escuta, e da comunicação em geral.
- Usar limites, comportamentos tranquilizadores para viver num bom ambiente comunitário.
- Desenvolver comportamentos consequentes que transmitam valores.

Avancemos em direção a um mundo melhor entendendo a resiliência como um processo de superação da adversidade e uma responsabilidade, já que a resiliência pode ser promovida com a participação de toda a comunidade e seu entorno. Um enfoque em resiliência permite que a promoção da qualidade de vida seja também um labor comunitário, eclesial; a assunção do desafio de caminhar para uma qualidade de vida no respeito, no diálogo e na aprendizagem com os erros, mais que com a fixação nos erros e “horrores” da pessoa. Como diz o ditado popular: “não jogues mais lenha ao fogo, nem faças lenha da árvore que tombou”.



Por isso, a resiliência apresenta-se como capacidade de o ser humano afrontar as adversidades da vida, superá-las e, inclusive, ser transformado por elas.

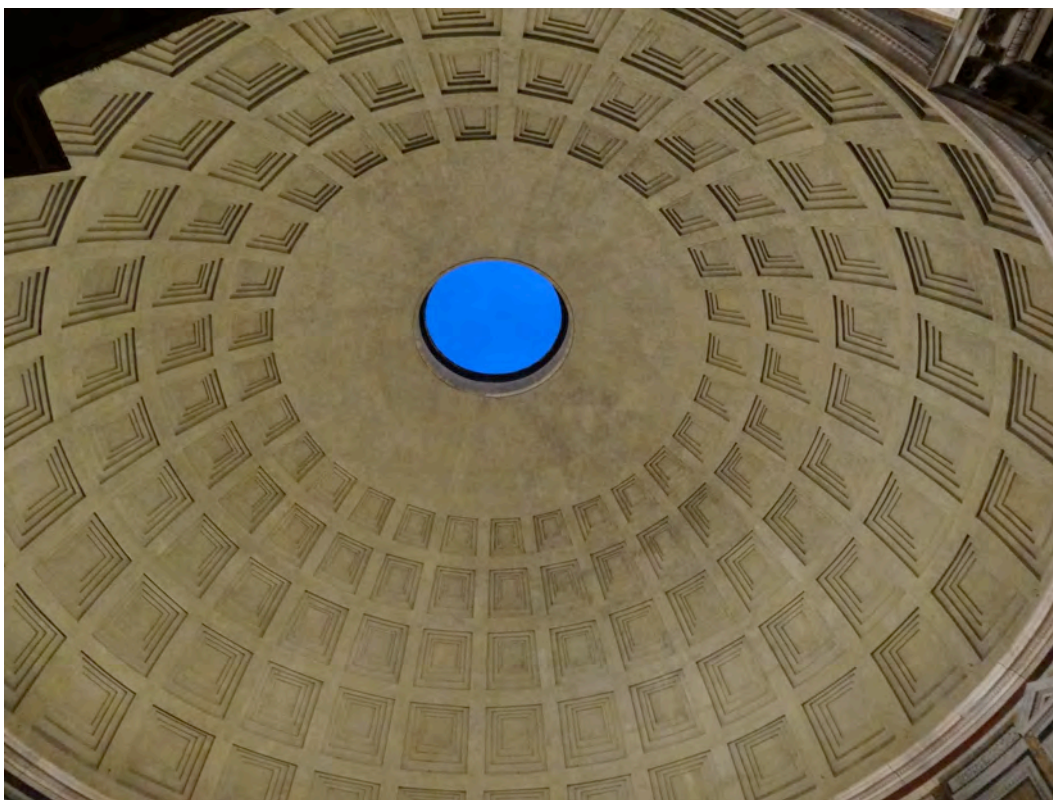
5. BELEZA SEMPRE ANTIGA E SEMPRE NOVA: O RENASCER DO HOMEM

María Zambrano, autora espanhola contemporânea, dirá que, com Agostinho de Hipona, nasce o homem novo: o homem interior, de coração transparente como a realidade e ante a realidade:

Esse homem novo é o homem interior. ‘Volta para ti mesmo, no interior do homem habita a verdade’. O homem europeu nasceu com essas palavras. A verdade está em seu interior, dá-se conta, pela primeira vez, de sua interioridade e, por isso, pode repousar nela; por isso, é independente, e algo mais que independente, é livre¹³.

Toda pessoa está necessitada de verdade.

(O) necessitar de verdade é algo característico do homem. E na medida em que a quiser, em que a perseguir, irá unificando seu tempo, reunindo-o em sua dispersão. Irá descobrindo um horizonte temporal mais amplo e, nele, uma ordem. As coisas, para aparecerem, necessitam de um lugar, é sabido. E como o lugar das coisas na vida humana é o tempo, necessitam de tempo para entrar numa ordem¹⁴.



A inquietude própria da realidade humana é uma realidade aberta a transcender-se, a realizar-se em inquietude até que recupere sua unidade perdida em seu encontro com Deus.

¹³ M. Zambrano, *Persona y democracia*, Anthropos, Barcelona 1988, 132.

¹⁴ M. Zambrano, *Persona...*132.

A inquietude própria da realidade humana é uma realidade aberta a transcender-se, a realizar-se em inquietude até que recupere sua unidade perdida em seu encontro com Deus. É problema de amor o problema de realização de Santo Agostinho. Sua realização é uma realização que brota da verdade que aninha em seu coração. É a verdade como mestre interior do homem. E Deus é a verdade para Santo Agostinho. A distensão de Santo Agostinho é a expressão dessa tensão das entranhas humanas, do coração do homem que se desgarra histórica e temporalmente como realidade inquieta em sua realização. Coração, lugar de intimidade, que trabalha em silêncio com esse incessante trabalho das entranhas que, por isso, medem o tempo¹⁵.

O fim de sua realização será, em Santo Agostinho, o alcançar um coração transparente. Essa transparência é a diafaneidade. Temos, pois, que o homem se realiza historicamente, de maneira processual. É um processo que demanda tempo. Vou-me desfazendo e fazendo na abertura de minha realização e, nela, vai-se revelando a minha realidade.

É a abertura da realidade em seu momento de verdade. A verdade como revelação ou manifestação de minhas entranhas, de meu coração, vai-se enchendo de transparência nessa revelação oculta do nosso ser, em cujo centro, aninha o divino. Temos aqui o tempo como distensão inquietante da nossa realidade, ao revelar a riqueza de seu coração transparente.

E é a ordem do amor que cria o horizonte da criação agostiniana. Nesse horizonte é que se tem de realizar a pessoa, em convivência com os demais, num âmbito universal, para alcançar a unidade de sua vida, que sofre a dispersão em momentos de crise. Por isso, é necessária a confissão, pois ela

mais que qualquer outro gênero literário, mostra o que a vida tem de caminho, de trânsito entre aquele que nos encontramos sendo e o outro em direção ao qual vamos. Sem dúvida, se isso for verdade, é a condição de todos os homens. O europeu, porém, filho de Santo Agostinho, necessitou dela mais que qualquer outro, porque, mais que qualquer outro, se decidiu com uma incrível audácia por realizar o que esperava. E porque, além de esperança teve vontade, decisão, frenesi, na realização de seu projeto. E a maior necessidade da esperança... maior necessidade de clareza¹⁶ (para realizar o nosso sonho: o homem novo fundamentado no homem interior).

É uma luta por

viver projetando, crendo mais na realidade do projeto do que na visível, pendente do invisível e de sua realização. É sentir-se habitante de outro mundo. 'O meu reino não é deste mundo', lê-se no Evangelho¹⁷.

A origem da antropologia de Agostinho acha-se em sua profunda análise da interioridade, em sua imersão nas profundidades do coração e da mente em seus

¹⁵ Cf. M. Zambrano, *Orígenes*, Ediciones del Equilibrista, México 1987, 12.

¹⁶ M. Zambrano, *La agonía de Europa*, Trotta, Madrid 2000, 73-74.

¹⁷ M. Zambrano, *La agonía...* 81.

níveis conscientes e até inconscientes. Sua reflexão radical é mais que uma introspecção superficial efetuada por um ‘ego’ cartesiano isolado. Para Agostinho, o espírito humano não pode separar-se de suas atividades; o espírito humano é suas atividades com respeito a si mesmo, aos outros e a Deus. Sua análise não é teórica, mas prática; a mente torna-se presente a si mesma, recordando e predizendo sua própria vida.

Por meio da reflexão sobre esse espírito sumamente íntimo em relação consigo mesmo e com seu mundo, Agostinho chega a uma conscientização mais profunda, a uma captação mais firme dos princípios básicos da moralidade, e à admissão sincera de sua própria ignorância. A busca de si mesmo não deve conduzir a uma autocontemplação narcisista que termine numa estreita e cerrada insularidade, mas há de conduzir ao vasto oceano do ser e da bondade, ao Outro que há em nós e ao que se encontra na intimidade da autopresença¹⁸.

Por tudo isso, se quisermos que o homem renasça, temos de buscar a verdade criando o nosso próprio tempo:

Pois todo ser vivente alimenta-se de algo e em algo. A pessoa humana tem também a sua vida: respira no tempo e alimenta-se da verdade.

Em palavras de Agostinho:

Fizestes-nos, Senhor, para Vós, e o nosso coração estará inquieto até que descanse em Vós (*conf.* I, 1, 1).

O homem contemporâneo experimenta-se num contínuo exílio motivado pela constante mudança. A pessoa que experimenta o exílio tem, como único refúgio, a interioridade. A interioridade, que vem a ser o lugar da busca de seu ser mais profundo. Portanto, a modo de perspectiva profética, auguramos que o homem do amanhã será um homem de interioridade ou não será homem.

Frei Antonio Carrón de la Torre
Colégio Santo Tomás de Vilanova
Granada (Espanha)

¹⁸ Cf. A. Carrón de la Torre, *Diafanidad...* 164.



ORDEN DE AGOSTINIANOS RECOLETOS
INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE E HISTORIA